

Conversas
com valor 

Fátima Gonçalves

Foi no Hospital de São José que a Enfermeira Fátima nos recebeu. Esta é, desde sempre, a sua casa e isso vê-se na forma como lhe conhece os cantos e nos sorrisos que todos lhes esboçam quando passa.

Tem um sorriso largo, que deixa transparecer a sua paixão pela profissão. O espírito de luta e de sacrifício é notório em cada palavra que troca connosco. Conta-nos que desde cedo sentiu que na sua vida existia um objetivo de missão, de ajudar o outro, e que foi por isso que desistiu do curso de Direito, muito contra vontade do pai, para seguir as pisadas da mãe, que era enfermeira.

Diz-se uma sonhadora, e ainda que a vida lhe tenha colocado os pés mais assentes na terra, acredita que é possível fazermos deste um mundo melhor e por isso desde muito nova que luta pelos ideais em que acredita.

Partilha que o caminho da Enfermagem foi duro. Ao contrário de outros cursos, do seu ponto de vista, o ensino de enfermagem é muito concentrado e exige muito dos estudantes, não só pela carga teórica associada, mas porque depois não há tempo para interiorizar o que se aprendeu já que é necessário passar da teoria à prática o mais rápido possível, mesmo que apenas num estágio de observação. Ainda assim, acredita que este modelo de aprendizagem baseado na experimentação e na experenciação da teoria é o mais eficiente para uma área como a de enfermagem.

O seu percurso começou aos 22 anos, nos Cuidados Intensivos de Neurocirurgia. Depois disso, passou pela Urgência, pelos Cuidados Intermédios e mais tarde, pelos Cuidados Primários – a experiência dos Cuidados Primários, que se iniciou na Pampilhosa da Serra, num período de tempo curto em que lá esteve, foi muito enriquecedora e foi nessa altura que eu senti que podia fazer um caminho especial através desta área e desenvolver as minhas competências relacionais.

É ciente da necessidade de dar apoio psicoemocional aos utentes com que lida que, mais tarde, já em Lisboa, decide fazer uma pós-graduação em Psicologia Clínica da Saúde, onde aprende estratégias importantes para ajudar as pessoas a saírem de sentimentos e estados de espíritos negativos, para os verbalizarem e para muitas vezes mudarem uma série de crenças e mitos criados pela sociedade.

Quando começa a desenvolver consultas de enfermagem, fá-lo em várias áreas, até que se cruza com a estomaterapia e percebe que há muito para ser feito por esta área, não só nos cuidados da doença, mas na prevenção, na forma como o doente é acompanhado e na sensibilização não apenas do público em geral mas também da classe médica para uma doença que altera profundamente a vida do doente: *comecei a fazer formação nesta área e percebi que as pessoas estavam completamente sem apoio. Chegavam, era-lhes feito um estoma, às vezes nem sequer sabiam que isso lhes ia ser feito, e ficavam perdidas. Algumas achavam mesmo que a sua vida acabara naquele momento.*



Demonstrar a importância destas consultas hierarquicamente foi o primeiro desafio que teve que ultrapassar. Não numa questão de formalização da Consulta, pois esse processo conta-nos que foi relativamente fácil, mas no referenciamento de utentes pela pelos médicos. Relata que acabou por conseguir mostrar a importância deste acompanhamento num Congresso onde mostraram dois casos reais de pessoas que sem consulta pré-operatória acabaram por ficarem sem capacidade de se auto-cuidar. Diz-nos que foi tão evidente para médicos e para diretores o impacto que este acompanhamento tem na vida dos doentes que se tornou mais fácil ser reconhecido pela classe médica.

Além deste desafio, percebe que a formação contínua é, como em qualquer área da saúde, obrigatória para que possa dar uma resposta de máxima qualidade às pessoas que necessitam destes cuidados, e não só em ostomias avançadas: *cada vez mais, o enfermeiro precisa de desenvolver as suas competências relacionais e conseguir aperceber-se de quem é a pessoa que tem à sua frente, porque cada vez há mais pessoas de etnias e culturas diferentes e a forma como encaram a doença não é igual para todos.*

Conta-nos como esta diferença cultural acabou por ser um dos momentos difíceis que recorda da sua carreira quando acompanhou uma pessoa de etnia muçulmana: *eu não sabia da importância da localização do estoma para estas pessoas, e esta pessoa, que na altura, não teve uma consulta pré-operatória, ficou com o estoma em cima da virilha o que resultou numa perda de autonomia. Por outro lado, nesta cultura, o homem só pode ser tratado por outro homem, enquanto o filho pôde cuidar dele não houve questão, mas o filho teve que partir, ele nunca mais cuidou de si, porque não conseguia, tinha pudor que a mulher cuidasse dele e acabou por aparecer aqui em consulta com uma lesão muito grande. E é nestes casos, que a formação faz toda a diferença porque eu soube como abordar a questão e conseguimos que ele deixasse a mulher cuidar dele daí para a frente.*

Reforça que estar preparado para vários cenários é essencial para fazer a diferença na vida destes doentes que pensam que não vão conseguir viver com a doença, que não se conseguem olhar ao espelho, que perdem a sua auto-estima, mas que com o apoio certo, conseguem muitas vezes ao fim de um ou dois meses estar de volta às suas rotinas. Isto, diz-nos, é absolutamente gratificante, principalmente numa altura em que os doentes que aparecem em consulta são cada vez mais novos.

Acredita que além da formação é também essencial o trabalho de equipa. O enfermeiro é com quem o doente acaba por passar mais tempo e a pessoa com quem este mais desabafa e com quem se sente mais à vontade. É quem mais facilmente se apercebe das alterações, sejam físicas sejam emocionais e por isso é importante que o Enfermeiro domine uma série de temáticas para poder acompanhar o doente, já que a maioria das vezes o seu papel vai além da sua função. No entanto, é também essencial saber quando alguma questão está fora do seu domínio e a deve encaminhar para um profissional qualificado na área. É por isto que acredita que a existência de equipas multidisciplinares para acompanhar os doentes faria toda a diferença.

Apesar de já trabalhar na área há mais de duas décadas, diz-nos que ainda há muito a fazer pela sensibilização, a começar pelos profissionais. Sendo a ostomia um diagnóstico transversal, e considerando que um doente com uma ostomia pode ter necessidade de ser tratado e acompanhado em qualquer área da saúde defende que os profissionais, de uma forma geral, devem estar preparados para lidar com estes utentes. Sobre este trabalho de sensibilização e de defesa do direito a um acompanhamento digno, a APECE tem feito um trabalho fantástico que começou no envolvimento da Ordem dos Enfermeiros na definição de normas de tratamento destes utentes, que existem exatamente para garantir que estes têm uma resposta à altura do que merecem. Ainda sobre a sensibilização acredita também que há um longo caminho a ser feito pela sociedade, para que o estoma seja encarado de forma cada vez mais natural. Desta forma os próprios utentes conseguirão aceitar melhor a sua nova condição e começarão a acreditar que é possível manterem uma vida ativa.

Já quase no fim da nossa conversa, perguntámos à Enfermeira Fátima o que faria se tivesse uma varinha de condão que lhe realizasse qualquer desejo e a resposta não nos foi estranha: *o que eu gostava mesmo era de ter uma resposta a nível de saúde, que impedisse estes utentes de chegarem à fase da ostomia. No entanto, sou realista e não sendo isso possível gostava que a nível mundial conseguíssemos apoiar mais estes doentes. Em Portugal, já evoluímos muito, já existe participação do Estado a vários níveis, mas isso não acontece em todos os países. É preciso apoiar cada vez mais estas pessoas que têm muitas especificidades que têm que ser tidas em consideração. Aqui*

“o que eu gostava mesmo era de ter uma resposta a nível de saúde, que impedisse estes utentes de chegarem à fase da ostomia. No entanto, sou realista e não sendo isso possível gostava que a nível mundial conseguíssemos apoiar mais estes doentes.”

em Portugal, se conseguirmos pelo menos sermos fiéis ao que está escrito nas normas eu já ficava feliz, porque a resposta que lá está descrita já é de um nível elevado. Gostava que todos os hospitais e centros de saúde pudessem ter profissionais que se interessem, que façam formação e que consigam dar a estas pessoas o apoio e a qualidade de cuidados que elas merecem.

É já com lágrimas nos olhos, que nos diz que tem um grande orgulho por ter escolhido esta profissão que a apaixonou pela forma como lhe permite fazer a diferença na vida das pessoas. Não tem dúvida de ter escolhido o caminho certo e, numa altura em que se prepara para se reformar e deixar o Serviço Nacional de Saúde, diz-nos que o faz com o sentido de missão cumprida. Termina a dizer-nos que vai, mas vai com a consciência de que há muito para fazer mas de coração aberto para ajudar aqueles que quiserem dar continuidade a este legado, talvez, quem sabe, através da dinamização de formação para os novos profissionais da área.